

Reinventando a nós mesmos: uma conversa com Joyce E. King

Reinventing ourselves: A conversation with Joyce E. King

Tatiane Cosentino Rodrigues¹

Universidade Federal de São Carlos, UFSCar, São Carlos-SP, Brasil

A Professora Joyce E. King é uma importante pesquisadora do tema Black Education nos EUA. Em sua vasta produção bibliográfica, destacamos como grande contribuição à temática o livro *Black Education: a transformative research & action agenda for the new century*, organizado e editado por ela e publicado em 2005 por AERA/Mahwah, de Washington, DC, e Lawrence Erlbaum, de New Jersey, EUA.

Atualmente, Joyce é professora na Georgia State University, EUA, no Departamento de Políticas Educacionais. De 2013 a 2014, presidiu a American Educational Research Association, fundada em 1916. A Associação dedica-se a provocar mudanças no processo educativo, incentivando a pesquisa acadêmica relacionada à educação e à avaliação, promovendo a divulgação e a aplicação prática dos resultados de investigações.

O texto apresentado a seguir reúne momentos de uma entrevista concedida pela professora ao Journal of the Rochester Teachers Association. A despeito de ter sido originalmente publicada em 1995, a entrevista tem importante significado histórico, posto que, naquela ocasião, a professora discutiu a sua experiência como membro do State Curriculum Development and Supplemental

1 Realizou doutorado sanduíche sob a supervisão de Joyce E. King na Georgia State University, que resultou na tese "A ascensão da diversidade nas políticas educacionais contemporâneas", em 2010.

Materials Commission, na Califórnia. Por essa razão, a tradução da entrevista para a publicação que ora se apresenta pode servir tanto como registro de um importante balanço das pesquisas sobre multiculturalismo e currículo em diferentes países quanto como fonte primária para aqueles que pesquisam os desafios de uma mudança curricular baseada na dimensão cultural da educação, na formação de professores e na inscrição da comunidade como agente dos princípios curriculares, como propõe Joyce King.

Entrevistada:

Joyce E. King, PhD

*Benjamin E. Mays Endowed Chair for Urban Teaching, Learning & Leadership
Professor of Educational Policy Studies, Georgia State University
President, The American Educational Research Association*

Author, **DYSCONSCIOUS RACISM, AFROCENTRIC PRAXIS and EDUCATION FOR HUMAN FREEDOM: THROUGH THE YEARS I KEEP ON TOILING**--Selected Works of Joyce E King. Routledge, 2015.

A entrevista foi conduzida pela Dr.^a Susan Goodwin, Director of the Rochester, New York Teachers Center.

Partes da entrevista completa originalmente publicada em **Raising Standards**, Journal of the Rochester Teachers Association, Volume 3, Number 1, Spring/Summer, 1995.

GOODWIN: Que conceitos você acredita deveriam fazer parte de um currículo que visa a ensinar para a equidade e a prática democrática?

KING: Bem, certamente precisamos ser capazes de direcionar a nossa atenção àquilo que se define como conhecimento, como o conhecimento é produzido, e quem pode se envolver na produção do conhecimento. As experiências de quais pessoas são incluídas, por exemplo, e sob qual perspectiva? Se as pessoas ficarem mais preocupadas e conscientes quanto a esses aspectos, penso que teremos dado alguns saltos fundamentais na compreensão do lugar onde nos encontramos hoje. Considero importante que as pessoas entendam o que o currículo está realmente fazendo. Na Califórnia, descobrimos que os chamados estudos/história/livros-texto sociais multiculturais podem perpetuar o racismo, em virtude dos conceitos adotados para organizar o conhecimento, que fica incluído, distorcido ou mesmo omitido. Os Estados Unidos são definidos como uma “nação de imigrantes” no currículo da Califórnia e nos livros didáticos. Portanto, os afro-americanos são os “imigrantes forçados” e os nativos americanos são os “primeiros imigrantes”. O objetivo era uma suposta inclusão multicultural. Mas tivemos que questionar: sob a perspectiva de quem? Assim, um currículo e um texto multicultural podem ser ostensivamente problemáticos se forem organizados com base em conceitos falhos. Então, nós temos, você sabe, a literatura que identifica tipos diferentes de multiculturalismo, tais como a análise de Jim Banks sobre os níveis de mudança do currículo multicultural. No entanto, quando um currículo visa a ensinar para a equidade e a prática democrática, esses dois conceitos, essenciais em si mesmos, podem diferenciar o que é um problema, quando falam do multiculturalismo. A equidade é um conceito que não se encontra, necessariamente, em um currículo só porque alguém está falando do currículo multicultural, e o mesmo ocorre com a prática democrática. O conhecimento e a produção do conhecimento devem ser a base da discussão sobre o currículo e o que ele faz. Você fez algumas perguntas significativas

anteriormente, quando falávamos sobre livros-texto: “De onde está vindo esse conhecimento; de onde está vindo essa voz; quem está falando aqui? Precisamos ser capazes de nos concentrar naquilo que se define como conhecimento, e isso tem a ver com questões de poder e de controle sobre as disciplinas acadêmicas que os produzem e os validam em todas as áreas. É por isso que os Estudos Negros (*Black Studies*) surgiram como uma crítica ao viés ideológico do conhecimento dominante...

GOODWIN: Ou daquilo que conta como conhecimento.

KING: Daquilo que conta como conhecimento, certo. E ainda: de que tipos de conhecimento estamos falando? Estamos falando do conhecimento que valida as diferentes maneiras de as pessoas conhecerem o mundo e estarem nele, ou estamos ainda em uma modalidade singular de “Este é o conhecimento”, e fora dele as outras coisas não contam como conhecimento? O conceito de desconscientização tem sido útil para mim, na minha prática, como uma forma de nomear a falta de liberdade de pensamento que existe como resultado de um currículo que não busca a equidade e a prática democrática. A desconscientização tem sido um importante conceito que evoluiu a partir da minha própria busca de maneiras de ensinar para a equidade e a prática democrática. Eu percebi que as pessoas estavam muito dispostas a dizer: “Ah, o racismo é inconsciente, ou é da natureza humana, e não há nenhuma possibilidade de mudança, porque é assim que é, ou é assim que sempre foi”, ou alguma outra maneira de racionalizar a incapacidade das pessoas de pensar fora dos paradigmas e categorias sociais existentes.

GOODWIN: Então, deveria haver um entendimento da desconscientização, racismo desconsciente. Deveria haver um

entendimento e uma nomeação desse conceito, a fim de mudar ou mesmo pensar que se poderia ter uma prática justa ou democrática.

KING: Certo. E essa desconscientização é um dos resultados da educação que não busca a equidade e a liberdade democrática. Então, a desconscientização, veja, não é o resultado de qualquer tipo de estado natural da mente. É o resultado da socialização e da educação para a antiequidade e a prática antidemocrática.

GOODWIN: Isso ficou claro.

KING: Outro conceito que acredito ser importante em meu próprio trabalho é a perspectiva de alteridade, que Sylvia Wynter me ajudou a entender. Compreender a alteridade é outro objetivo importante, e não penso que vai ser fácil para algumas pessoas o abraçarem, exatamente como quando explicamos, nesta manhã, a distinção que fazemos entre Eurocentrismo, Afrocentrismo e pensamento europeu ou europeu-americano. Reconhecemos, penso eu, uma disposição para aceitar que as múltiplas perspectivas são importantes. Entretanto, temos o problema do relativismo, pois tudo está em tudo e toda perspectiva é boa, e há aqueles que querem expandir o cânone, a fim de incluir tantas perspectivas quantas se possam descobrir; para eles, tudo é tudo. Wynter desenvolveu o conceito de uma perspectiva da alteridade que provém do *status* de *alter ego* de grupos definidos como inerentemente e até mesmo geneticamente fora da estrutura social ou, como você disse, de segunda classe, que nunca podem ser normativos. Então, acontece que nós, como afro-americanos, somos o *alter ego* da norma, ou seja, o conceito socialmente construído de “brancura”. E o fato de estarmos definidos na estrutura social como esse *alter ego* nos dá uma perspectiva particular de crítica que não está disponível para as pessoas que são definidas como normativas.

GOODWIN: Quando você pensa sobre a natureza do currículo, dos livros-texto e das perspectivas dominantes que moldam os currículos, como os educadores podem evitar interpretar as vidas dos povos africanos de modo impreciso? Quero dizer, torna-se óbvio, para mim, que a pessoa tem de assumir a responsabilidade pela sua própria aprendizagem, em certa medida, mas as distorções e as imprecisões são muito generalizadas e abrangentes.

KING: Sim, já sugeriram que o conceito de desconscientização deixa as pessoas desconcertadas, por assim dizer. Mas voltemos à questão da perspectiva. Você disse hoje, na sessão anterior, o quanto o conteúdo é importante, e é verdade que estamos nos beneficiando das novas perspectivas que o Afrocentrismo tem trazido sobre esse ponto, da mesma forma que DuBois e outros trouxeram novas perspectivas em sua época. Então, não é que haja um corpo de literatura padrão que alguém possa dizer: “Bem, aqui está a correção, caso eu tenha me enganado”. Vamos ver. À medida que surge um novo saber, existe a reação que nega a sua legitimidade. Isso também surgiu na sessão de hoje. “Bem, há outra perspectiva aqui, mas onde está o debate sobre isso? Onde está a crítica acadêmica?” Essa é uma maneira de deslegitimar a perspectiva da alteridade. Sabe... então, se os professores se baseiam nos livros-texto, é quase certo que vão oferecer perspectivas que não são úteis, precisas ou verdadeiras. Se eles procuram fontes alternativas de saberes, têm de ser capazes de criticar o saber sob o ponto de vista de perguntas como: Ao interesse de quem serve esse conhecimento ou saber? E isso é um processo educativo. Requer um tipo de formação crítica, formação mental em lógica, ética e reflexão que a maioria das pessoas não recebe, nem mesmo para capacitá-las a analisar anúncios publicitários. Recebe apenas as habilidades cotidianas básicas de cidadania. Não somos educados para o nosso próprio interesse.

GOODWIN: Então, o chamado método científico, ou essa ideia de objetividade, serve apenas como uma tela, porque nos impede de questionar os interesses daqueles que são atendidos por esse conhecimento e daqueles que serão ou não transformados por esse conhecimento?

KING: Certo. E daqueles que serão servidos por ele. Há uma frase de um estudioso sul-americano, Orlando Falls Borda. Ele chama esse conceito de “a peruca da neutralidade e a máscara de objetividade”. Em outras palavras, não é verdade. Mas há o interesse em manter essa ideia de lugar – ou de que existe um lugar em particular que reflete apenas a neutralidade.

GOODWIN: A sua experiência na Califórnia, no Departamento Estadual de Educação, quanto à adoção de uma estrutura de estudos sociais e uma série de livros-texto, foi relacionada a essas questões.

KING: Foi terrível.

GOODWIN: Sim, uma batalha.

KING: Quase me matou. Fiquei doente por um ano, mais de um ano, quase dois anos. Fiquei na cama por um mês. Eu ouvia um zumbido misterioso nos ouvidos. Eu não conseguia nem me levantar. Gastamos cerca de 2 mil dólares em exames médicos. Eu ia pedir demissão da Comissão de Currículo porque estava acabada. Não aguentava mais. Então, uma mulher que tinha acabado de ingressar na Comissão chamou-me de lado um dia e disse-me: “Por favor, não se demita, porque eles disseram que, se puderem mantê-la distante do livro de estudos sociais, é isso o que realmente querem. Então eu disse: “Vou ficar”. Mas ficar significava que eu tinha de tentar garantir a minha liberdade de

falar. Então, foi tudo ok. Logo que resolvi mudar a maneira como eu estava operando, eu melhorei. Não tive mais nenhum sintoma misterioso.

GOODWIN: Forjado no fogo – na chama.

KING: Bem, eu ganhei força à medida que outras pessoas se uniram à luta.

GOODWIN: A partir dessa experiência, que lições podemos aprender como educadores?

KING: Bem, vocês fizeram o mesmo trabalho aqui. Nova Iorque tentou aperfeiçoar o currículo primeiro. As aulas continuam a acontecer enquanto tentamos mudar sistemas. Temos de tomar decisões com base em informações sobre onde estamos propensos a ter mais impacto e os melhores resultados, graças apenas à nossa resistência física humana e à nossa energia espiritual. Fazemos o que terá algum tipo de impacto. Eu considero que, quando você está envolvido com mudanças, você faz as coisas com as quais está comprometido, embora não haja garantias de que o que você está fazendo naquele momento terá imediatamente o resultado desejado. Assim também pode acontecer com um processo de educação. Pode ser que três ou quatro anos mais tarde, alguém reconheça isso e diga: “Ah! É isso que aquela pessoa estava tentando realizar”, e outra pessoa então poderá partir dali e fazer outras coisas. Mas não se trata de uma proposta do tudo ou nada. As pessoas foram educadas em muitos níveis diferentes, como resultado da luta na Califórnia. Grupos de pais foram organizados, professores e pais trabalharam juntos. As comunidades criaram o seu próprio currículo, como resultado da luta, embora o Departamento Estadual tenha manobrado para manter os seus

currículos usados oficialmente. Então, mudança séria é um ciclo; vai e volta. Mas, em relação à minha própria escolha sobre para onde eu iria direcionar a minha energia, acho mais gratificante – como Mao disse, “puxar de ambos os lados em direção ao meio” – ser capaz de ver os professores, os pais e os alunos envolvidos em um processo mútuo de trabalho colaborativo, luta e compreensão, mesmo usando os livros-texto que o Estado havia fornecido. Você pode ensinar criticamente usando um livro ruim, se você tiver um pensamento independente e alguns objetivos derivados dos seus próprios interesses. Então, eu não diria que tudo tem de ser direcionado para se desfazer dos livros-texto, mas para criar espaços a fim de que mais pessoas participem de uma luta consciente para alguns fins desejáveis. Na Califórnia, as pessoas estão revisando a Estrutura Curricular da História-Ciências Sociais novamente. Existem alguns grupos envolvidos e participando dessa revisão que não faziam parte da discussão original da estrutura. Então eles irão acrescentar algo. Mas a luta agora mudou para outro nível, porque o processo da Califórnia está dando o direcionamento para os Parâmetros Curriculares Nacionais, testes e avaliações. É como se tivéssemos um alvo em movimento. Isso é parte do processo; é a realidade. Primeiro foi Nova Iorque; quatro ou cinco anos atrás, a Califórnia. Foi aqui, agora está lá. Se considerarmos a Califórnia e o que aconteceu na Califórnia como uma ameaça, não vemos possibilidade de fazer qualquer coisa aqui. Os riscos são ainda maiores. Mas penso que existe, agora, uma conversa nacional sobre algumas das questões levantadas em Nova Iorque e na Califórnia que não existiam quando eu estava na Comissão de Currículo. Isso é, em parte, uma questão de tempo – sabe, só o tempo de mudar junto com as pessoas, fazendo coisas diferentes. A luta em Nova Iorque aconteceu, a luta na Califórnia aconteceu, e isso criou todo o tipo de espaços que não existiam para que as pessoas levantassem questionamentos. Mas o poder dos sistemas

é realmente grande e não podemos determinar a nossa eficiência pelo quanto conseguimos dismantelar de um determinado sistema em um tempo determinado. Eu prefiro prestar atenção ao desenvolvimento das pessoas como uma lição e como um critério. Todos vocês estão trabalhando aqui: vocês têm uma revista. As pessoas estão trabalhando em todo o país, mas não temos a rede de que necessitamos para nos manter informados e incentivados. Poderia ser uma rede de computadores, poderia ser Repensando as Escolas, ou outro tipo de processo, para confirmar essas alterações e lembrar: “Ah, sim, isso aconteceu como resultado daquilo”, você sabe, e não apenas admitir que eles venceram.

GOODWIN: Como você explica às pessoas que os materiais que estamos usando, a metodologia que temos, ou a abordagem que estamos usando com as crianças não são as melhores opções – que muitas vezes são contraproduativas ou obstruem a consciência? Muitas vezes conversamos com pessoas que realmente não percebem isso, até que tenham a oportunidade de criticar e repensar. Como explicar às pessoas que os textos, materiais e metodologias que usamos com as crianças, e que são não produtivos, têm mais a ver com a ideologia subjacente do que com o foco específico, a disciplina em particular, ou a matéria? Nesse sentido, um livro de matemática pode ser tão destrutivo ou impreciso como, digamos, um livro de história ou um livro de literatura.

KING: Bem, imagino que seja uma parte da questão mais ampla: como explicar uma situação às pessoas para motivá-las a se importar com aquilo e perceber que é algo que as afeta e com que precisam se envolver. Nesta sociedade, isso é muito difícil, porque estamos muito condicionados a nos contentar com pouco e ser gratos porque, pelo menos, temos isso ou aquilo em termos de

bens materiais ou empregos. Quanto aos livros-texto, as pessoas estavam querendo dizer: “Mas estes são muito melhores do que os livros que temos atualmente”. E eles eram, mas não atendiam aos critérios que haviam sido estabelecidos pelo Estado. Então, agora, você está no meio de um processo e você está dizendo: “Mas eu vou me contentar com isso. Eu sei o que dizem os critérios, mas estes livros são muito melhores do que antes. Então, não está sendo muito radical e muito rígido? Por que você está fazendo tanta confusão?” Essa atitude é generalizada sobre tantas coisas, até você perceber que tem de ir à raiz do problema. Nossos antepassados costumavam dizer: Você pode ocultar a fumaça, mas o que vai fazer quanto ao fogo? Alguns de nós só se preocupam quando a própria casa está pegando fogo. Alguns de nós só se preocupam com os sintomas, como a fumaça. Mas, e quanto ao que causou o incêndio?

GOODWIN: Então, para ensinar para a equidade e a prática democrática, você teria de ensinar sobre comunidade. Você teria de ensinar sobre coletividade, você teria de ensinar sobre consenso.

KING: E os interesses do grupo – não apenas “O que diz respeito a mim?”. E isso também não é novidade. Grace Boggs fez uma análise muito poderosa dessa noção inteira em um artigo que escreveu, em 1974, sobre a “educação para governar”. É uma filosofia para a educação. Ele explica que a educação para governar obtém-se através de autodefinição e responsabilidade social que se vincula a uma concepção transformada da sociedade. Trata-se de uma abordagem holística, que liga os alunos e sua aprendizagem a uma visão social diferente. E certamente os professores são facilitadores. Mas a comunidade, com as suas necessidades e problemas, torna-se também o currículo.

GOODWIN: Eu acrescentaria a isso: e a educação para a liderança?

KING: Está perfeitamente compreendida dentro desse conceito. O que Boggs entende por governar é o autogoverno e a autodeterminação – em nome dos próprios interesses, ou seja, em benefício da comunidade, ao invés de sermos influenciados pela ideologia do “Sonho Americano” e toda essa hipocrisia.

GOODWIN: Quando você pensa nos interesses de quem não possui capacidade ou não é competente para a autorrealização, seus interesses são inerentemente diferentes de quem tem capacidade ou tende a acreditar que tem.

KING: Sob a perspectiva de um *ethos* afro-centrado, de “Eu sou porque nós somos”, a realização pessoal deve necessariamente implicar a realização da comunidade. A realização da comunidade, agora, obriga-nos a estudar a comunidade e a conhecer o conteúdo curricular para que os alunos sejam habilitados a usar o seu conhecimento em prol da comunidade. Que tipo de empregos vão estar disponíveis daqui a 20 anos? Quais são as implicações para o acesso à “autoestrada da informação” para alguns, mas não para todos – prisões para os desprovidos, ao invés de educação para governar? Estamos caminhando em direção a uma sociedade que é a sociedade do *Apartheid* em todos os aspectos, exceto no nome.

GOODWIN: Em termos de suas próprias experiências de pesquisa e sua familiaridade com o trabalho de outros pesquisadores, que tipos de pesquisa os professores poderiam desenvolver, a fim de se unirem aos esforços para evitar uma educação falha dos estudantes?

KING: Trata-se de uma área realmente rica. Ver os professores como pesquisadores é um ponto de partida muito útil, que

ênfatisa a necessidade da aprendizagem contínua, tendo em conta os desafios que estamos enfrentando. Posso citar algumas pesquisas atuais envolvendo professores como pesquisadores, que representam importantes progressos nessa direção. Por exemplo, o Dr. Hassimi Maiga incluiu professores daqui na metodologia do Museu Escola de Gao, que ele desenvolveu em Gao, Mali (África Ocidental), quando era o diretor regional de educação (superintendente estadual) de lá. Não se trata de um “museu” convencional. Envolve professores e alunos em pesquisa colaborativa sistemática, que produz um banco de recursos de materiais de ensino culturalmente significativos, que tornam o currículo mais dinâmico e relevante para as reais necessidades dos estudantes e da comunidade. Os professores e alunos trabalham juntos para identificar e coletar o repositório de materiais do Museu Escola para a sua sala de aula. Inicialmente, os professores analisam o currículo para direcionar o estudo dos alunos sobre a comunidade e, depois, com a ajuda de pessoas da comunidade e os pais, os alunos trazem itens ou fazem coisas que usarão para elaborar as aulas específicas. Podem entrevistar pessoas ou se envolver em atividades comunitárias que podem aprimorar a instrução e tornar o currículo mais relevante para as necessidades da comunidade. Eu visitei a Escola Saneye, em Gao, e esse tipo de aprendizagem ativa, orientada pelos professores, que prepara os alunos para serem produtores, não apenas consumidores do conhecimento. Foi muito impressionante. Trata-se de professores que estudam e analisam o currículo, a fim de conectar o estudante com a sua própria cultura, de modo a criar uma ponte para uma educação mais significativa e relevante. O Dr. Maiga e eu temos ensinado a abordagem do Museu Escola de Gao em oficinas para professores aqui nos Estados Unidos. Em um livro sobre o Museu Escola de Gao, o Dr. Maiga diz que seu trabalho é “a restauração de uma tradição de aprendizagem” – Gao foi tanto o berço do

Império Songhai como o local de uma das antigas universidades africanas que floresceram lá. Esse é um exemplo. Luis Moil e Norma Gonzalez e seus colegas do Arizona também estão trabalhando para a mudança no currículo. Eles treinam professores a ir às casas dos seus alunos para entrevistar as famílias, a fim de descobrir os “fundos de conhecimento” que existem naquela família e na comunidade. Os fundos de conhecimento são um conceito antropológico. Se o pai é um carpinteiro, o que ele sabe, como resultado do seu trabalho, que poderia enriquecer o currículo? Que conhecimentos ele tem? Se a mãe faz doces e tem um pequeno negócio informal, vendendo doces, qual é o fundo de conhecimento que existe no lar e nas redes de lares? Os professores, agora, estão coletando essas informações com os pais, e traduzem isso em lições de sala de aula, que ajudarão os estudantes a encontrar significado em sua aprendizagem, que inclui a experiência da sua família. Essa equipe de pesquisa tem feito alguns projetos muito interessantes com a família e o currículo de sala de aula, que melhoram a aprendizagem do aluno e o desenvolvimento de professor. Existem outros exemplos, que cito no Manual de Pesquisa em Educação Multicultural (*Handbook of Research on Multicultural Education*).

GOODWIN: Nas chamadas antologias de literatura multicultural recentes, tenho notado que as seleções relevantes para os povos indígenas parecem estar fortemente conectadas com a cosmologia e a filosofia indígenas. Em termos de povos africanos, esses conceitos não são apresentados. Como estou ciente das similaridades entre a visão de mundo do povo africano, eu sei que isso representa uma perda de oportunidade para que os alunos percebam e aprendam sobre a consistência na visão de mundo de todas as pessoas negras.

KING: Sim, é consistente e também universal. Ou seja, o Eurocentrismo reivindicou a universalidade para si, e acho que há

uma tendência para fugirmos disso, posicionando-nos um tanto quanto em oposição a isso. Somos específicos, somos particulares. Ninguém é como nós. Mas, na verdade, se você quiser falar sobre pessoas originais ou voltar a Kemet ou ao princípio unificador da humanidade, não há nada inerentemente hegemônico em falar sobre um princípio universal do qual participamos. Não é inerentemente hegemônico. Não se trata de negar qualquer outra pessoa. Trata-se de reconhecer a nossa singularidade em nossa similaridade com as outras pessoas. A noção inteira de filosofia e cosmologia africanas não é omitida por acaso. É um resultado estratégico para que a hegemonia eurocêntrica negue certas formas de pensamento ao povo africano – dizendo que os africanos têm religiões, mas não filosofia. Isso não acontece por acaso – trata-se de uma manifestação da dominação cultural europeia e euro-americana; são a doutrina e a metodologia da supremacia branca.

GOODWIN: Isso tem servido para manter os negros separados uns dos outros nas mentes dos estudantes, quando não há nenhuma separação real, mas uma concordância bastante básica em termos de filosofia, cosmologia e visão de mundo.

KING: O que nos leva de volta ao fenômeno do *alter ego*, e é o resultado de um processo histórico, porque algumas das projeções que foram impostas pela cultura dominante sobre o povo africano realmente surgiram quando houve a mobilização contra o comércio de escravos. A afirmação da inferioridade e deficiência humana dos africanos foi uma racionalização para apoiar a escravização continuada do povo africano. Não foi algo que aconteceu em um ponto no tempo; aconteceu como um processo construído, que ainda está acontecendo no livro de Bell Curve, por exemplo. O livro de Martin Bernal fala sobre o que Molefi Kete Asante discute, quando olha para a história do europeu por

meio do livro de Yourugu Marinba Ani. Fala sobre esse processo de atribuir a racionalidade ou a filosofia a um povo, e negá-las a outro. Estamos tentando ajudar a humanidade a se preparar para a mudança de paradigma. É por isso que não estou deprimida ou triste. Existem muitas coisas que são realmente ruins, mas temos também construído muita compreensão e aprendizagem. Agora precisamos ser mais eficazes em ajudar a humanidade a se preparar para uma outra etapa de desenvolvimento – um outro paradigma.

Enviado em: 02/12/2014. Aprovado em: 07/01/2015